

leva a um novo argumento, e conduz o pensamento em novos patamares do entendimento humano.

Podemos, portanto, por uma visão de conjunto, do ambiente inteiro estruturado de forma consistente, pois, cada categoria se conecta com a outra e se compõe da porção inteira da Vida, que é a vida de cada um, na pessoa humana que somos, em diferentes campos executivos ou planos de convivência de Si mesmo, seja como pessoa, indivíduo, autor e personagem, cada um resultará em novas conexões e aproximações.

A diferença fundamental deve ser destacada. No **campo social** da vida humana ou dos espaços públicos, a um circuito que liga, *Indivíduo e Personagem* ao passado, enquanto que na **vida pessoal**, íntima ou privada, tanto *o Autor* como a *Pessoa* estão ligados a um futuro.

Como diz María Zambrano, em seu livro *Pessoa e Democracia* (1958), as conexões com a vida social remetem ao passado enquanto que, na vida pessoal, tendemos a um futuro. Citando-a: “O lugar do indivíduo é a sociedade, mas o lugar da pessoa é o espaço íntimo”². Diz ainda a discípula de Ortega: "

*Através do homem abre-se, pois, o futuro. E, a pessoa é o seu veículo: é o mais vital da vida humana, o núcleo vital capaz de atravessar a morte biológica; aberta ao futuro abre-se a infinitude.*³

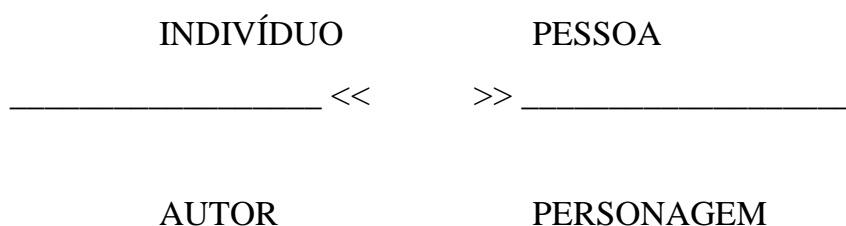
Numa primeira entrada, temos as seguintes aberturas ou conexões entre essas categorias axiais e os planos de vida, pensados desde dentro e de fora, na sua intimidade e na sua extimidade.

Se, por exemplo, tomarmos como referência o parzinho VIDA e *Aventura* e darmos um giro completo no sentido antihorário, veremos que a Pessoa pressupõe-se e ao mesmo tempo se constitui no Indivíduo, e/ ou no Autor, e/ou na Personagem, ali onde na relação VIDA e *Aventura* faz-se **herói de si mesmo**, de si mesma.

FIGURA 4

² María Zambrano. *Pessoa e Democracia*, Fim de século, 1957, p. 131.

³ *Ibidem*. P 133.



Como nos demais giros possíveis e imagináveis, a Pessoa não deixa de ser o que é para ser sujeito-agente, ator ou protagonista da sua história, na circunstância de cada um/a e, assim acontece com os demais.

Digamos por outras palavras: há Personagens que são indivíduos: “*O indivíduo Dom Quixote (a personagem) é um indivíduo da espécie Cervantes*”, diz Ortega.⁴ Essa “explicação” é uma incitação genial do filósofo e surge-me como inspiradora para seguir essa aventura pelo imaginário filosófico de Ortega y Gasset.

Também podemos reportar aos indivíduos como Pessoas; ou às pessoas que são Autores; e a autores que sejam Personagens. Exemplo: Flusser, um personagem na cena e na pena de Gustavo Bernardo, em que na biografia, *O Homem sem Chão* (2017), em que o escritor (G,B,) diz fazer ficção da vida do autor: são “histórias que Flusser inventava sobre si e que nunca aconteceram”, diz Bernardo.⁵

Se cruzarmos agora *Vida e Futurição*, a Pessoa que está logo ali - e ainda no sentido anti-horário - essa Pessoa faz fronteira com o indivíduo concreto - o agente social e historicamente datado e locado, circunstanciado na sua realidade e onde é protagonista da sua história, junto aos demais viventes nos arredores e mundos. Com ela e sua circunstância, nos conectamos nos ganchos da história - à altura dos nossos tempos - que são, afinal, os tempo de cada um.

⁴ Ortega y Gasset. *Meditações do Quixote*, 1967: 58.

⁵ Em conversa recente sobre o Centenário de Flusser. 12 de maio de 2020. Cidadefutura.com.br

Enfim, se pensarmos em termos de *Vida e Vocação*, um outro plano se descortina, e a vida aparece fulgurante, mas não na pessoa, na personagem, no indivíduo.

Agora é o Autor que se destaca, na intimidade de si mesmo - e isso vale para cada um de nós. Ensimesmado, o Autor faz, na sua radical solidão, junto ao seu "eu vocacionado" conectado diretamente à **pessoa** que é e que (se) pressupõe ou se referencia tanto na sua obra autoral como no seu projeto de vida. Nesta dimensão, é possível sustentar que o modo autêntico e livre seja pautado e pauta o próprio destino autoral, na sua futuridade, uma vez que faz coincidir sua vida pessoal com a sua vocação.

Se a Vida é o imperativo categórico da filosofia de Ortega, a Vocação, por sua vez, é o seu imperativo ético, tal é a importância que o autor desde a fase de juventude a de maturidade da sua obra.

Vimos que a VOCAÇÃO que se expressa no espaço da intimidade. Ortega diz, no *fundo inalienável do si mesmo*, e que, por sua vez, neste meu desenho, está vincada à FUTURIÇÃO. E, disse muito bem Julián Marias ao formular o conceito radical de vida humana como o fundamento de toda a filosofia de Ortega, a filosofia da *razão vital*, neste ponto, se distingue da *mera vida* ou da vida biológica e próxima da vida animal ou natural.

Por essa distinção e peculiaridade - a singularidade irreduzível da vida humana - a vida de cada um se destaca das outras realidades dimensões da Vida⁶ que se enquadram ou se reduzem.

CONSTITUINTE VITAL: ONÍMODA CONEXÃO DO AMOR

Voltemos rapidamente à fórmula consagrada do "*eu sou eu e minha circunstância*" é uma expressão em cifras e a intuição mais radical e genial de Ortega. Ela abarca toda a sua filosofia. É a chave de Ortega, a senha da sua conexão a mesma que liga Vida e FUTURIÇÃO, Vida e VOCAÇÃO; Vida e AVENTURA. E supõe o acesso e o controle do "veículo

⁶ Em minha Composia elas correspondem, respectivamente, nas dimensões Divina, Humana, Animal, Maquinica. www.josepauloteixeira.com.br/breviarios

condutor" que se expressa em cifra - Eu circunstanciado - pela intuição de Ortega da vida humana e que chamo de conexões constituintes.

Tal conexão vital e constituinte diz também a relação intelectual, afetiva, primorosa e consistente, diferente do meramente formal ou instrumental, seja da regra social, da boa educação, da ordem moral, pois confere ao seu agente, um vínculo genuíno, uma conexão interior entre o "eu sou eu" e a "minha circunstância", de tal modo que, "se não a salvo a ela não salvo a mim".

Por esta sua filosofia vital e histórica, essa "ciência geral do amor", do amor intelectual vital se funda e se institui na mesma omnímoda conexão, diz Ortega, e faz dessa categoria do amor intelectual entre o sujeito que ama e a coisa ou o ser amado, uma potência vital impressionante.

É o que busco comunicar nesta *conexão* e em outro ensaio que faço - entre Querer e Entender, entre Filosofia e Composição.⁷ Não se trata apenas de interagir ou comunicar, muito menos tem-se em vista seguir ou influenciar, destacar ou aparecer - pois, como bem lembrou Flusser, "quanto mais me comunico menos informo". Antes, a conexão propiciada pela *ciência geral do amor*, na expressão de Ortega, é a chave e o veículo,⁸ o arco e a flecha, e, portanto, o diferencial inovador de sua empresa filosófica.

Ortega escreve o amor, nos ensina o amor. Citando-o: mesmo aquilo que sentimos pelas coisas que passam ligeiramente, há algo que sustenta a relação com as coisas, com a vida, sobretudo, como os outros. E Ortega se pergunta: quando amamos a mulher? Quando amamos a ciência? Quando amamos a pátria? Ora, o que dizemos quando dizemos amar, o amor se nos apresenta como *algo imprescindível* - eis a ciência geral do amor, que o mestre apreendeu de Spinoza e que está presente na infinita teia de amor entre aquele o sujeito que ama e o ser ou objeto amado.

⁷ Deste autor, Escritos da composição, Cidade Futura, 2020. Em mãos.

⁸ Diz María Zambrano, Pessoa e Democracia, p. 137.

E para usarmos outra metáfora, que me é cara, a utilizei em um dos meus primeiros livros, essa conexão não se faz como "cabeça de ponte", mas na entrega de corpos e na partilha de vidas, por pensamentos e atos, afetos e devires. Com isso quero dizer, não podemos viver sem manifestar ao amado o quão nos é imprescindível. Nem se pode seguir a viver sem estabelecer esses laços, a conexão infinita, que os une.

Dizia, não se ama a pessoa amada fazendo com ela "cabeça de ponte", não estamos a ela ligada para segurar a barra do teto, ou para não deixar a prega de parafusos vergar, nem para usá-la como estaca para segurar a barra, nada disso combina com o amor intelectual, o amor consistente e sustentável, no sentido spinozano que Ortega conferiu a sua ciência geral do amor, e que Nietzsche, quase um século antes, reverberou em seu *amor fati* (amor ao destino).

Omnímota conexão em relação a algo que nos é **imprescindível**, que não podemos viver sem - a chave e o veículo, o arco e a flecha. E aqui destaco algo importante que é o coração da obra orteguiana, e peço licença para recitá-la quase na íntegra. Está lá, nas páginas 37 a 38 de suas *Meditações*. Recito Ortega:

*O amor, pelo contrário, nos une às coisas, ainda que passageiramente. Pergunte-se o leitor que novo caráter sobrevém a uma coisa quando sobre ela se derrama a qualidade amada. Que sentimos quando amamos a mulher, quando amamos a ciência, quando amamos a pátria? Antes de qualquer outra nota acharemos esta: o que dizemos amar se nos apresenta como **algo imprescindível**. O amado é, de pronto, o que nos parece imprescindível. Imprescindível!"* - exclama Ortega pela terceira vez.

E prossegue:

Quer dizer que não podemos viver sem ele, que não podemos admitir uma vida na qual nós existíssemos e o amado não (...) Há, por conseguinte, no amor, uma ampliação da individualidade que absorve outras coisas dentro desta, que as funde conosco. Tal liame e penetração nos leva a internar-nos profundamente nas propriedades do amado. Então advertimos que o amado é, por sua vez, parte de outra coisa, que necessita dela e a ela está ligado Imprescindível ao amado, também se faz imprescindível para nós. Deste modo vai ligando o amor coisa a coisa e tudo conosco, em firme estrutura essencial. O amor é um divino arquiteto que baixou o mundo - citando Platão - " a fim de que tudo no universo viva em conexão".

Então Ortega faz o contraponto ao amor ao dizer que o contrário do amor não é apenas o ódio, mas uma fábrica de inconexões.

“A inconexão é o aniquilamento”. O ódio fabrica a inconexão, isola e desliga, atomiza a orbe e pulveriza a individualidade”. E observa: lutar com o inimigo se compreende - e exige - a verdadeira tolerância, atitude própria de toda alma robusta.⁹

⁹ Ortega y Gasset. *Meditações do Quixote* (1967) p. 37-38.